

# Uma leitura do Complexo de Édipo em Freud, através de Loewald e Ogden

A Reading of the Oedipus Complex in Freud, through Loewald and Ogden

**Ana Karina Fachini Araujo  
e Elisa Maria Ulhôa Cintra**

**Resumo:**

Nesse artigo proponho uma releitura do Complexo de Édipo de Freud a partir de Ogden e Loewald, autores que retomam o referido conceito como fundamental para a emancipação do sujeito. A proposta é apresentar considerações que perpassem pela renúncia ao objeto de amor edípico, dessexualização dos pais e sublimação do desejo incestuoso que conduziria o sujeito abandonar o desejo libidinal em prol da ternura. E, sobretudo, que o Complexo de Édipo é revivido, reelaborado e transformado em sua complexidade, ao longo da vida.

**Palavras-chave:**

Complexo de Édipo; triangulação; emancipação; transformação.

**Abstract:**

Abstract: In this article I undertake a reinterpretation of Freud's Oedipus Complex from the standpoint of Ogden and Loewald, two authors whose understanding of this concept is fundamental to the emancipation of the subject. The idea is to present considerations that have to do with the renunciation of the object of oedipal love, the desexualization of the parents and the sublimation of incestuous desire, which allegedly should lead the subject to abandon their libidinal desire in favour of tenderness. And, above all, that the Oedipus Complex is relived, worked through again and transformed in its complexity throughout life.

**Keywords:**

Oedipus complex; triangulation; emancipation; transformation.

## UMA LEITURA DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD, ATRAVÉS DE LOEWALD E OGDEN<sup>1</sup>

*O complexo de Édipo foi uma das maiores descobertas de Freud, que o descreveu como sendo o complexo nuclear de todo o desenvolvimento humano – de saúde e doença, religião e arte, civilização e lei, etc.*  
BALINT (1968A, p. 37).

Na primeira infância, as crianças elegem seus pais, principalmente a mãe, como figuras ideais e com quem estabelecem relações idílicas. Mais tarde, o “declínio” do Complexo permitirá que ocorra um sentimento de profunda decepção, pois, “[...] a criança descobre que os bem-aventurados tempos de relação paradisíaca com a mãe começam a sofrer a interferência de rivais; além do pai, a descoberta da própria genitalidade [...], a descoberta que a mãe é também um ser sexuado” (CINTRA, 2001, p.37). Com essa decepção, ocorre um processo de ‘desidealização’ das figuras até então idealizadas; mas, ainda assim, os filhos precisam continuar a se identificar com elas, para que possam compor a instância superegoica. Assim, o Complexo de Édipo instaura uma mudança na qualidade das relações que, antes dele, eram duais, ideais e indiferenciadas, e passam a triangulares, “reais” e diferenciadas.

Para abordar o tema, inicio então trazendo o Complexo de Édipo em Freud (1924), através da leitura de Loewald (2000), que aborda aspectos importantes da teoria freudiana e enfatiza, segundo Ogden (2014), a “ânsia de emancipação”, o desejo de nos tornarmos indivíduos autônomos e responsáveis por nós mesmos.

Freud (1924;1925) afirma que, na primeira infância, o Complexo de Édipo é o fenômeno central da sexualidade, ocorrendo, porém, de forma diferente no menino e na menina.

Na fase fálica, o menino descobre seu pênis. Vivendo seu Édipo, toma a mãe como objeto de desejo, sendo ela a prioridade de seu amor. Já o pai é visto como rival, que ameaça a perda de seu precioso órgão genital, através da castração, caso permaneça investindo a mãe como objeto de seu desejo. Ao observar a menina, o menino percebe a diferença anatômica entre eles e imagina que ela tenha perdido seu pênis, como ele pode vir a perder o seu (FREUD, 1924;1925). Essa percepção leva à concretização da ameaça

1 Este artigo é fruto da tese de Doutorado “Renascimento psíquico vivido em análise” defendida em abril de 2018. Integra parte do capítulo “O Complexo de Édipo à luz de Freud, Klein e Winnicott”.

de castração. Então, por amor ao seu próprio genital, o menino retira o investimento libidinal da mãe; e assim, a fase fálica, que ocorre ao mesmo tempo em que o complexo de Édipo, “[...] não continua a se desenvolver até a organização genital definitiva, mas submerge e é substituída pelo período de latência” (FREUD, 1924, p. 206).

Na menina, isso se dá de maneira um pouco diferente, pois a ameaça de castração, que põe fim ao complexo de Édipo no menino, dá início ao Édipo feminino. Na fase fálica, a menina descobrirá que o menino tem um órgão genital maior que o seu e, portanto, sentirá inveja dele. Constata, então, sua condição de quem não tem um pênis e passa a desejar tê-lo. Esse reconhecimento da falta a coloca numa condição de inferioridade, que desperta inveja, fato que aqui leva a enfraquecer sua relação de ternura com a mãe, que é responsabilizada por não ter lhe dado um pênis e, ainda, por colocá-la no mundo incompleta, ou, como diz Freud (1925, p. 293): “[...] insuficientemente aparelhada”. Esse momento é a antessala do Complexo de Édipo na menina, pois, depois dele, “[...] a libido da garota passa – ao longo da equação simbólica pênis = criança” (FREUD, 1925, p. 295). Ou seja, a menina substitui o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um filho. O pai é tomado como objeto de desejo, e a mãe será vista como sua rival; por isso, a menina terá ciúmes dela. Essa ligação com o pai será gradativamente abandonada, e ela se identificará com ambos os pais.

Assim, é preciso mencionar que, para Freud (1925), a ameaça de castração “quebra”, põe fim ao complexo de Édipo no menino. Nesse processo, o interesse narcísico pelo pênis se sobressai, e o menino se afasta do interesse libidinal dos pais, bem como do anseio incestuoso por eles. Assim, “as tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte são inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos” (FREUD, 1924, p. 209).

Tanto no menino quanto na menina, observamos o mesmo processo – ambos identificar-se-ão com os pais, que passarão a compor o Superego, sendo investidos com amor e não com desejo sexual.

Passo então a abordar textos relacionadas ao complexo de Édipo de dois comentadores da obra freudiana que são sinalizadores de questões teóricas importantes. O artigo *The waning of the Oedipus Complex*<sup>2</sup>, de Loewald; e *Lendo*

2 O declínio do Complexo de Édipo. Publicado originalmente: LOEWALD, H. *The waning of the Oedipus Complex*. In: *Papers on Psychoanalysis*. New Haven, CT: Yale University Press, p.384-404. 1980. Para essa tese, no entanto, tomo como base a publicação posterior do mesmo texto: LOEWALD, H.W. *The waning of the Oedipus Complex*. *J. Psychother Pract Res*, v.9, n.4, p. 239-249, 2000.

*Loewald: Édipo reformulado*, de Ogden (2014)<sup>3</sup>.

No artigo intitulado “O declínio do Complexo de Édipo”, Loewald (2000) faz digressões sobre o texto de Freud (1924) “A dissolução do Complexo de Édipo”, iniciando com a retomada da formação do superego (1925). Na constituição do superego, ocorre uma identificação com a autoridade parental, através da renúncia ao objeto de amor edípico, da dessexualização dos pais, em prol da sublimação do desejo incestuoso. Então, no lugar do desejo libidinal, surge ternura. Para que tudo isso aconteça, espera-se que o Complexo de Édipo seja “dissolvido” e que a relação de amor sexualizada se transforme em uma relação de filiação.

Contudo, a dissolução do Complexo nunca é completa, sendo necessárias reelaborações ao longo da vida, o que implica o trabalho de “[...] repressão, interiorização, transformação e sublimação” (LOEWALD, 2000, p.240). Nos casos em que essa transformação não é possível ou ocorre em nível mínimo, não se dá um declínio suficiente, e o complexo persiste de forma reprimida, sendo que seus efeitos patogênicos serão sentidos no futuro.

Assim, Loewald (2000) se propõe a pensar em quatro momentos do Complexo de Édipo: parricídio, culpa, responsabilidade e reparação. O parricídio se refere ao assassinato de uma figura parental ou de quem represente sua autoridade; conseqüentemente, estamos diante da violação do laço sagrado entre pais e filhos. Ao trazerem filhos ao mundo, os pais são responsáveis por sua criação e passam a estabelecer uma relação de cuidado e proteção para com eles. Nesse sentido, os pais têm “autoria” e autoridade sobre suas crias, e o parricídio é, portanto, um crime contra a autoridade parental (LOEWALD, 2000).

De certa forma, as crianças precisam “superar” a autoridade dos pais, para se tornarem adultos autônomos e responsáveis por si mesmos. Esse seria o caminho saudável esperado, mas passar por ele significa vivenciar, segundo Loewald (2000, p.241):

[...] a ambigüidade que está presente nas questões da responsabilidade e da autonomia de um adulto. No processo de tornar-se um adulto, os significativos

3 O capítulo faz parte do livro *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. Vale ressaltar que o primeiro acesso a esse material ocorreu na disciplina “Ação terapêutica na prática clínica”, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, em 2013. Naquela ocasião, não havia tradução, para o português dos textos de Loewald e Ogden. No ano seguinte, o texto de Ogden foi publicado como capítulo do livro “Leituras criativas: ensaios sobre obras psicanalíticas seminais”. Já o texto de Loewald não está traduzido; portanto, farei traduções livres e, também, utilizarei trechos traduzidos na disciplina de Cintra (2013).

laços emocionais com os pais são ameaçados. Esses laços são ativamente rejeitados e destruídos, em diferentes níveis[...].<sup>4</sup>

Neste sentido, observamos dois movimentos simultâneos: em um deles, há uma “revolta” contra a autoridade dos pais; e no outro, os pais reivindicam sua autoria em relação aos filhos (OGDEN, 2014). O que Loewald (2000) destaca é que estamos diante de uma passagem que envolve o “corte do laço sagrado” entre pais e filhos. A revolta contra a referida autoridade parental é compreendida como um impulso ativo de emancipação.

Ogden (2014) destaca que, ao apresentar o impulso de emancipação, Loewald (2000) não se dá plena conta de que se trata de “[...] uma pulsão inata à individuação”, não enfatizando tal fato (OGDEN, 2014, p. 203). Assim, para que essa emancipação aconteça e os filhos possam, então, se apropriar da autoridade dos pais e ter acesso ao direito de seguir sua vida, é necessário um assassinato “amoroso” deles, que continuam a amar os filhos.

Estamos diante da possibilidade de uma criança reivindicar a condição de adulto. Vale ressaltar, no entanto, que essa situação pode, ao mesmo tempo, fascinar e aterrorizar pessoas, que nutrem a fantasia de “[...] viver eternamente na proteção de figuras parentais idealizadas. Isto seria uma fixação em um estágio de aspiração a uma grandiosidade das figuras parentais” (CINTRA, 2013, p.15).

Mas, já que o Édipo é revivido por toda a vida, espera-se que crianças e adultos saiam da passividade rumo à atividade; porém, para que isso aconteça, o conflito também ganha cena, no sentido de que os pais começam a ser sentidos como opositores, pois os filhos precisam ganhar poder e se desenvolver.

Ogden (2014) salienta a importância de a autoridade dos pais se fazer presente, pois, segundo ele, é justamente essa autoridade que põe freios à fantasia de assassiná-los, para que ela não se reproduza na realidade. O impulso de assassinar os pais e o terror que ele provoca devem ser, pois, reprimidos, enterrados vivos, erguendo-se uma postura rigidamente punitiva com relação a esses sentimentos e a essa fantasia; a defesa é a repressão. Estamos diante, pois, de uma ambiguidade: a autoridade é necessária, para que a criança/adulto tenha contra quem se opor, o que pressupõe o conflito e, conseqüentemente, o sentimento de culpa que dele advém. Vale dizer, no entanto, que fica difícil

4 Tradução livre do original: LOEWALD, H. The waning of the Oedipus Complex. In: *Papers on Psychoanalysis*. New Haven, CT: Yale University Press, p.384-404. 1980. Documentação temática de aula sobre Complexo de Édipo em Freud. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 14 de agosto de 2014, ministrada por Cintra (2013), em 14 de agosto.

suportar esse processo, quando a autoridade parental não se faz presente como freio para as fantasias de assassinar a quem se ama e com quem se tem uma relação de dependência.

Quando as figuras parentais e de autoridade estão presentes, o assassinato é vivido psiquicamente e em segurança, de modo que a fantasia não precisa ser reprimida. Sendo assim, nesta forma de parricídio “amoroso”, acontece uma apropriação apaixonada do que é vivido com os pais e de seus aspectos admiráveis. Trata-se, sobremaneira, de um ato de amor. Apesar disso, o efeito colateral da busca da criança/adulto por “autonomia e individuação” é equivalente à “[...] morte fantasiada de um dos genitores edípicos [...]” (OGDEN, 2014, p.203-4).

Penso que também vivemos esse processo na análise – os filhos analíticos precisam se emancipar, mas, para isso, precisam viver, no primeiro momento do processo analítico, o idílio amoroso para com o analista. E, assim, seguem suas vidas conquistando autonomia.

Ogden (2014) ainda destaca um aspecto fundamental apontando por Loewald (2000): mesmo que lutemos por nossa autoridade como pais, precisamos permitir que nossos filhos continuem a nos assassinar, para que não se sintam pequenos diante de nós. Ampliando essa ideia para o que acontece na sala de análise, Ogden (2014) lembra que devemos permitir que cada um de nossos pacientes possa nos matar quantas vezes forem necessárias, de modo a não se sentirem apegunhosos diante de nós. Esse desafio não envolve, por parte do analista e dos pais, uma “[...] resignação passiva ao envelhecimento ou à morte, mas um gesto amoroso ativo repetido muitas vezes em que a pessoa entrega seu lugar na geração presente para tomar seu lugar triste e orgulhosamente como parte da geração entre aqueles em vias de se tornarem antepassados[...]” (OGDEN, 2014, p. 206).

Ainda segundo Ogden (2014), os pais podem oferecer resistência na sucessão das gerações para não ocuparem seu lugar na geração passada, mas isso não cessará esse movimento. Apesar disso, existem genitores que se comportam de modo a negar a diferença entre as gerações, afirmando que crianças e adultos são iguais entre si, através de atitudes como por exemplo: não fechar a porta do quarto ou do banheiro. “Nessas circunstâncias, as crianças não têm objetos parentais genuínos para matar, apenas uma versão perversa de autoridade parental para se apropriar. Isso transforma o indivíduo em criança atrofiada e congelada no tempo” (OGDEN, 2014, p. 207).

Essa rica disputa entre pais e filhos, por autonomia e autoridade, fica mais evidente na adolescência; mas, já aos dois anos de idade, quando a criança deixa de ser o bebê totalmente dependente dos pais e começa a andar e a teimar, evidencia-se uma mudança no padrão de relação entre eles. Os pais

sentir-se-ão traídos e precisarão enfrentar a “teimosia obstinada” da criança, colocando limites e frustrando-a. Já para a criança surgirá um novo registro intrapsíquico, que comporta uma cisão das figuras parentais, em boas e más (OGDEN, 2014).

A vivência do parricídio é algo necessário para pais e filhos. Através dele, a criança alcançará sua autonomia e autoridade, na vida adulta futura. Loewald (2000) afirma que a formação do superego decorre do parricídio e envolve uma interiorização e uma identificação com os pais edípicos.

Ogden (2014) prefere usar a ideia de um aspecto do *self* à de superego, como derivado da autoridade parental, que passa a tomar medidas de cuidado de si e de condução da própria vida. O autor ainda enfatiza um questionamento fundamental de Loewald (2000, p.209): “[...] que sentido tem dizer que as relações edípicas são interiorizadas no processo de organização do superego? [...]”.

Voltemos a Loewald para responder à indagação de Ogden (2014). Para Loewald (2000, p. 241), do parricídio decorre a organização do superego, pois, a partir dele, há a internalização dos objetos edípicos. Isso se verifica ao mesmo tempo em que se dá uma metamorfose com as relações de objetos pré-edípicos, que são “[...] transmutadas em relações estruturais internas e intrapsíquicas[...]” passando a compor o superego.

Então, a organização do superego é a prova viva do assassinato dos pais, pois ele é fruto da “[...] apropriação bem-sucedida da autoridade paterna que se transforma em capacidade de autonomia e de responsabilidade da criança [...]” (OGDEN, 2014, p. 209). Ao mesmo tempo, o parricídio altera a organização psíquica da criança/adulto, pois a culpa pelo assassinato dos pais é expiada, uma vez que algo desses pais é assimilado. Como explicar isso?

Os pais são incorporados, em termos de vivências, autoridade e responsabilidade, passando a ter lugar de influência na forma como os filhos conduzirão a vida. Logo, “A ‘interiorização’ dos pais (transformados) constitui a expiação por matá-los, na medida em que essa interiorização contribui para que o filho se torne igual aos pais” (OGDEN, 2014, p.210). Portanto, ao se identificarem com eles, os filhos passam a tê-los internamente, desenvolvendo, desse modo, um sentimento de honrá-los, conquistando um sentimento de autoridade e responsabilidade. É a introjeção das qualidades admiradas que ajuda a expiar a culpa e aumenta o caráter “amoroso” do parricídio.

Num movimento saudável, ao perceberem que seus filhos - sua autoria - se tornaram suas versões modificadas e melhoradas, os pais se sentem gratificados. Isso, por si só, promove a mais profunda remissão da culpa.

Do ponto de vista de Ogden (2014), Loewald (2000) evidencia que, na formação do superego, os pais são restituídos em sua autoridade, de modo a se tornarem pais de filhos cada vez mais responsáveis e autônomos. Esses

pais restituídos são pais que não existiam ou, talvez, somente existissem como potencial ou ideal.

Esse processo descrito acima, que vai da fantasia do parricídio à remissão da culpa, comporta uma metamorfose, pois os pais são interiorizados “transmutados”, ou seja, ao fazerem parte do superego, eles sofrem modificação. Essa “transmutação” é uma metamorfose. Ogden (2014) destaca que Loewald (2000) faz uso da palavra metamorfose somente uma vez, e que parece não ter percebido a importância dessa metáfora para explicar a referida “transmutação”.

Sobre isso, Ogden (2014) explica que os objetos edípicos são “interiorizados” e irão constituir o superego da criança, o qual, por sua vez, tem suas bases na constituição psicológica dos pais da criança que serão introjetados como figuras superegoicas. Por sua vez, o superego desses pais se constitui a partir das relações com seus próprios pais. Trata-se, pois, de uma continuidade transgeracional da experiência edípica (LOEWALD, 2000).

Assim, quando os pais favorecem que seus filhos cometam o parricídio dos pais edípicos, há a possibilidade de os filhos estabelecerem relações com novos objetos, livres da experiência incestuosa. Logo, “Essas relações novas têm vida própria, fora dos termos das relações libidinais e agressivas da criança com seus pais edípicos. Desse modo, possibilitam-se relações genuinamente novas (não incestuosas) com os próprios pais e com outros” (OGDEN, 2014, p. 212).

Loewald (2000) ressalta que há um elemento sagrado nas primeiras relações de amor, que é destruído com o advento do incesto. A destruição do sagrado surge quando o desejo sexual – relação objetal diferenciada – se dirige ao mesmo objeto com quem se manteve uma relação indiferenciada, relação fusionada entre a mãe e a criança, que constitui uma unidade narcísica primária.

A esse respeito, Cintra (2013) destaca que, no início da vida, a criança pertence e se sente pertencer a uma unidade familiar formada por ela e pelos pais, sendo que há momentos em que a rivalidade que caracteriza o surgimento da triangulação não aparece. Então, vive-se um momento em que as contradições e os sentimentos negativos e agressivos não estão presentes, o que traz o sentimento de se pertencer a uma sagrada família, já que os três membros formam uma só unidade. Trata-se de um momento ideal e maravilhoso, em que se experimenta “[...] o amor livre de ciúme, rivalidade, culpa, vergonha”. Isso nos remete à “[...] vivência narcísica primitiva em seu aspecto amoroso, claro, tranquilo e eternamente igual a si própria, uma vez que nada pode perturbar tal harmonia” (CINTRA, 2001, p.37). Esses são momentos de relação objetal pré-edípica, com indiferenciação entre os participantes.

Loewald (2000, p.245) tem uma tese sobre os objetos pré-objetais ou pré-edípicos:

[...] os laços de identificações pré-edípicos no seio da família, como derivações diretas da unidade narcísica são considerados sagrados, e pertencentes a um estado de inocência, e que as fantasias e atos incestuosos são considerados como aquilo que vem violar esta sagrada inocência.

Com a emergência da sexualidade genital, o mesmo objeto da fase pré-objetal, marcada por uma indiferenciação entre sujeito e objeto, e com quem se constitui fortes laços de identificação, vem a ser o objeto de desejo sexual na fase edípica. O objeto é o mesmo e o vínculo de identificações que se estabeleceu com ele na fase pré-objetal permanece, mas o aspecto “sagrado” desse vínculo parece ser violado, justamente, pela presença do incesto, que busca transgredir a barreira entre as identificações e o investimento objetal.

De certa forma, os pais precisam favorecer a passagem de investimento pré-objetal para objetal. A entrada na fase em que predominam as fantasias incestuosas faz parte do desenvolvimento humano, já que, ao atravessá-la, é possível emergir um indivíduo autônomo. Apesar disso, o que torna essa passagem pelo incesto algo “nebuloso” é a violação dos laços de identificação primários entre pais e filhos. Esses laços são colocados em questão quando os desejos incestuosos predominam.

O autor atribui à relação objetal incestuosa a condição de transicional. Seguindo Winnicott (1951), penso então que ela funciona como um “espaço potencial” intermediário de experimentação e desenvolvimento. Esse espaço comporta, ao mesmo tempo, a passagem da ilusão absoluta, numa relação indiferenciada, para a percepção da realidade, percepção do objeto como diferente do eu - relação objetal edípica.

Em seu artigo “*Hamlet e a melancolia*”, Cintra (2001) usa a metáfora da variação entre luz e sombra para se referir a essa transição entre relação objetal pré-edípica e edípica. Assim, a luz está para a “plenitude narcísica” – estado de indiferenciação –, tal qual a sombra para as insatisfações e os desencontros, promovidos pelo desejo sexual dirigido aos objetos edípicos. O espaço intermediário contemplaria, então, o processo de desenvolvimento, que se insere na variação entre luz e sombra.

Para Ogden (2014, p. 215):

Tanto o superego quanto a relação transicional objetal incestuosa são herdeiros do complexo do Édipo de maneiras complementares, cada um mediando a tensão entre amor aos pais e o desejo de se emancipar

deles e estabelecer novas relações de objeto. Porém, há diferenças importantes entre os dois.

O que Ogden (2014) propõe é que a formação do superego envolve internalizar os pais, que passaram por uma metamorfose e se transformaram em pais percebidos como objetos totais e separados - que não estão mais em estado de fusão com o outro.

Assim, no desenvolvimento psíquico saudável, muitos processos de internalização, integração, diferenciação e combinações entre os objetos de amor pré-edípico e edípico precisam acontecer, para que as identificações simbólicas se deem e venham, então, a constituir a instância superegoica (CINTRA, 2001).

Loewald (2000, p.248) ressalta que Freud (1924) já mencionara que o núcleo no Complexo de Édipo comporta relações de objeto indiferenciadas, mas enfatiza que o mais importante é que esse aspecto mais arcaico não é completamente superado, permanece como “camada mais profunda de uma mentalidade desenvolvida”.

Por fim, é preciso retornar ao começo. Declínio ou destruição do Complexo de Édipo? De fato, ele não é destruído e, sim, constantemente transformado, em sua complexidade, ao longo da vida. Há um declínio da relação de dependência absoluta da criança e do adulto com relação aos pais, mas não uma superação absoluta, que comportaria, então, sua destruição. Embora se deseje alcançar a condição de indivíduo autônomo, sempre haverá o desejo de uma união com o outro, herdeira das relações ideais de união profunda com os pais.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, A.K.F. *O renascimento psíquico vivido em análise*, 2018. 115p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, PUC, São Paulo, 2018.
- BALINT, M. (1968). Os dois níveis do trabalho analítico. In: *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Tradução: Francisco Franke Settineri. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2014. p. 36-41.
- CINTRA, E. M. U. Hamlet e a melancolia. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 30-42, 2001.
- CINTRA, E. M. U. *Complexo de Édipo em Freud*. Aula de 14 de agosto de 2013. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2013.
- FREUD, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras completas*. Vol. 16. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. (1923-1925). Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 203-213.
- FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras completas*. Vol. 16. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. (1923-1925). Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 283-299.
- LOEWALD, H. The waning of the Oedipus Complex. *Papers on Psychoanalysis*. New Haven, CT: Yale University Press, 1980. p. 384-404.
- LOEWALD, H. The waning of the Oedipus Complex. *J. Psychother Pract Res*, Fall, v. 9, n. 4, p. 239-249, 2000.
- OGDEN, T. H. Lendo Loewald: Édipo reformulado. In: *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. São Paulo: Escuta, 2014. p. 195-218.
- WINNICOTT, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 316-331.